

A atuação social da Missão Paz na acolhida dos migrantes e seu trabalho antirracista

The social action of the Peace Mission in welcoming migrants and its anti-racist work

*José Cristiano Bento dos Santos**

*Fabio Lanza***

*Líria Maria Bettiol Lanza****

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetivou uma análise da atuação social da Missão Paz, instituição da Congregação dos padres scalabrinianos da Igreja Católica, no processo de acolhimento dos migrantes e sobre seu trabalho socioeducativo no combate ao racismo, de modo particular, nas atividades internas da entidade. Partindo da compreensão dos significados e os fundamentos de raça, racismo, migração e atuação sociopolítica do catolicismo, investigou-se como seus significados poderiam embasar as interpretações das entrevistas, bem como a própria fala dos sujeitos participantes da pesquisa. Por isso, foram

* Professor do Curso de Teologia da PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná - Câmpus Londrina. Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGSOC-UEL, mestre em Ciências Sociais e doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: jose.cristiano@uel.br

** Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, docente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSOC-UEL) e do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO - UFC) vinculados a Universidade Estadual de Londrina. Bolsista produtividade CNPq. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. E-mail: lanza@uel.br

*** Professora Associada do Departamento de Serviço Social, docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Política Social (PPGSE UEL) vinculados a Universidade Estadual de Londrina. Bolsista produtividade CNPq. Doutora em Serviço Social pela PUC-SP. E-mail: liriabettiol@uel.br

eleitas como categorias chaves de análise, para a compreensão e constituição deste trabalho, a “exclusão racial”, a “inclusão racial” e a “atuação educativa antirracista”.

Racismo e migração são conceitos fundamentais para o trabalho investigativo científico, tendo em vista que o compromisso social com o debate político público, como meio de subsidiar a sociedade a refletir sobre a realidade dos haitianos no Brasil, influencia políticas públicas que podem atender e integrar essa população na convivência social de maneira justa e equânime.

Para a realização do referido trabalho, utilizamos como procedimento metodológico o levantamento bibliográfico circunscrito ao objeto de estudo e pesquisa de campo, que coletou dados empíricos nos meses de novembro de 2022 e julho de 2023. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com migrantes haitianos, com membros e voluntários da Missão Paz. Para proteger a sua identificação pessoal, as pessoas entrevistadas foram mencionadas de forma anônima como: Entrevistado 1, Entrevistado 2, Entrevistado 3. Ainda, de forma complementar e secundária, ocorreram a observação de campo e a coleta de documentos oficiais católicos e scalabrinianos que tratam do tema.

O trabalho está estruturado em seis seções, sendo que na primeira são abordadas questões históricas da Igreja Católica, selecionadas conforme a sua relação com os processos migratórios e a Missão Paz.

A segunda seção aborda conceitual do racismo e seus fundamentos baseados na religião, analisando sua implicação histórica nas ações da Igreja Católica em relação ao negro. Na terceira seção abordamos o conceito de migração, analisando sua implicação histórica em relação à população negra no Brasil. A quarta seção faz uma análise documental das orientações teológicas e pastorais do Vaticano, utilizando-as como fontes principais do trabalho pastoral da Igreja Católica, para mostrar suas implicações históricas em relação aos migrantes. Na quinta seção mostramos a formação e atuação social do Movimento Negro Unificado (MNU) e dos Agentes de Pastoral Negros (APNs), no final da década de 1970 e nos anos de 1980. Nosso enfoque procura analisar a sua implicação histórica nas ações de combate ao racismo. Na sexta seção pretendemos analisar a atuação social da Missão Paz no processo de acolhimento aos migrantes e sobre seu trabalho socioeducativo no combate ao racismo, de modo particular, nas suas atividades internas. Para isso nos apoiamos na pesquisa de campo que consistiu em entrevistas com as pessoas que trabalham na instituição e de relatos de pessoas migrantes, especialmente haitianos, que são assistidas por ela. Buscou-se compreender as consequências do trabalho pastoral da Missão Paz na vida dos haitianos e possíveis impactos na sociedade.

2 IGREJA CATÓLICA, MIGRAÇÃO E A MISSÃO PAZ

A produção de documentos oficiais da Igreja, como encíclicas e exortações apostólicas dos Papas sobre a relação Igreja Católica com a questão migratória, compreendida como uma literatura sociorreligiosa na defesa dos direitos dos migrantes, iniciou-se a partir do ano de 1940, com o Papa o Pio XII. No entanto, a seguir, serão apresentados aspectos contemporâneos desta relação a partir do papado (13/03/2013 – 21/04/2025) de Francisco.

A reflexão da Igreja sobre o desenvolvimento humano integral teve continuidade com o Papa Francisco, sucessor de Bento XVI. Francisco, em 2015, escreveu a Encíclica *Laudato Si'*, sobre como cuidar da nossa Casa Comum (planeta terra). Além de exortar a uma relação fraterna com a Terra, o documento questiona o modelo atual de desenvolvimento e convida a sociedade a participar de um diálogo efetivo para redefinir o progresso ético e promover um desenvolvimento humano integral que beneficie a todos, particularmente os mais “pobres” e “excluídos” (FRANCISCO, 2015, par. 49).

No documento *Laudato Si'*, é evidente que a migração, principalmente a forçada, é apresentada como resultado da degradação social e ambiental, da quebra dos vínculos de integração e comunhão social. Por isso, o papa chama a atenção do Estado e da sociedade civil para olharem as causas que levam muitas pessoas a serem deslocadas ou retiradas à força das suas terras, para migrarem em busca de melhores oportunidades e condições de sobrevivência. Diz Francisco:

O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De facto, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta: “Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres”. Por exemplo, o esgotamento das reservas ícticas prejudica especialmente as pessoas que vivem da pesca artesanal e não possuem qualquer maneira de a substituir, a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada, e a elevação do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras mais pobres que não têm para onde se transferir. O impacto dos desequilíbrios atuais

manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais (FRANCISCO, 2015, par. 48).

Para a superação da degradação social e ambiental que atinge as populações mais vulneráveis, principalmente os migrantes, o Papa solicita uma possível união de Estados e nações, a partir de uma consciência solidária, que rompa com as barreiras políticas e sociais, para formar uma única família humana, fraternalmente globalizada.

Nessa perspectiva da globalização da solidariedade proporcionada pelos Estados e nações, para o fortalecimento de ações políticas em benefícios da migração, - que é um fenômeno global e que não pode ser tratado com indiferença -, orienta o Papa Francisco:

É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para a globalização da indiferença (FRANCISCO, 2015, par. 52).

Francisco retoma essa reflexão sobre a constituição de única família humana, como meio de solidariedade aos migrantes, na Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, escrita em 2020, de forma mais profunda e com um viés mais crítico. O documento faz uma leitura da atual conjuntura social, política e econômica, incluído o tema da migração, como processo de deslocamento interno em um país e internacional.

As migrações compreendidas como fato global ocupam uma parte significativa da encíclica, na qual o Papa diz que todas as pessoas são irmãos e irmãs, chamados à superação das mazelas e injustiças sociais, como o egoísmo, as guerras e as desigualdades do sistema econômico baseado numa política de exclusão que provocam as migrações no mundo. Consequência das contradições de um sistema que é produtor e reproduzidor das migrações, porém,

[...] tanto na propaganda de regimes políticos populistas como na leitura de abordagens econômico-liberais, defende-se que é preciso evitar a todo o custo a chegada de pessoas migrantes. Simultaneamente argumenta-se que convém limitar a ajuda aos países pobres, para que toquem o fundo e decidam adotar medidas de austeridade. Não se dão conta que, atrás

destas afirmações abstratas difíceis de sustentar, há muitas vidas dilaceradas. Muitos fogem da guerra, de perseguições, de catástrofes naturais. Outros, com pleno direito, andam à procura de oportunidades para si e para a sua família. Sonham com um futuro melhor, e desejam criar condições para que se realize (FRANCISCO, 2020, par. 37).

O funcionamento contraditório desse sistema (re)produtor dos processos migratórios gera, também, um fenômeno complexo que é o tráfico de seres humanos, ou seja, pessoas que são retiradas de seu lugar de habitação, como sua casa, cidade e até de seu país e são submetidas à uma mobilidade limitada, sem liberdade e sem documentação. Ademais, quase sempre são submetidas às situações de exploração sexual, laboral e até de confinamento para remoção de órgãos ou tecidos humanos etc..

Francisco faz esse alerta em sua encíclica, porque ele tem consciência de que, os migrantes mais vulneráveis são vítimas do tráfico humano. Na maioria dos casos, as pessoas que migram são marcadas pelo sofrimento e pelas privações nos itinerários migratórios. De fato, nessa lógica perversa existem

[...] traficantes sem escrúpulos, frequentemente ligados a cartéis da droga e das armas, exploram a fragilidade dos imigrantes, que, ao longo do seu percurso, muitas vezes encontram a violência, o tráfico de seres humanos, o abuso psicológico e mesmo físico e tribulações indescritíveis. As pessoas que emigram experimentam a separação do seu contexto de origem e, muitas vezes, também um desenraizamento cultural e religioso (FRANCISCO, 2020, par. 38).

A encíclica denuncia a omissão dos Estados, a ausência de políticas migratórias, o albergamento improvisado em condições precárias que não lhes permitem o recomeço com protagonismo e dignidade. Há, também, instrumentalização ou uso político dos migrantes com finalidade econômica de governos corruptos que desviam recursos destinados ao atendimento emergencial das causas migratórias, para outras finalidades. Além disso, “difundem uma mentalidade xenófoba” (FRANCISCO, 2020, par. 39), referindo-se à institucionalização de violências como: preconceito, racismo, xenofobia et., por meio de discursos que inferiorizam, demonizam os migrantes e silenciam suas contribuições positivas para o crescimento econômico, social e cultural dos países.

Segundo o Papa, “as migrações constituirão uma pedra angular do futuro do mundo. Hoje, porém, são afetadas por uma perda daquele sentido de responsabilidade fraterna, sobre o qual assenta toda a sociedade civil” (FRANCISCO, 2020, par. 40).

Isso deixa evidente que, na visão de Francisco, os processos que geram as migrações são inerentes ao modelo atual de consciência do “dever moral de tutelar os direitos dos seus cidadãos e o dever de garantir a assistência e o acolhimento dos imigrantes” (FRANCISCO, 2020, par. 40). Esta seria uma condição fundamental para a implementação de políticas migratórias ancoradas nos Direitos Universais da Pessoa Humana.

Francisco realizou um rico trabalho teórico nas orientações de suas encíclicas, e, ao mesmo tempo, realizou gestos concretos em sua atuação pastoral, de forma solidária e política, em benefícios dos migrantes.

O Papa Francisco, em outubro de 2013, no mesmo ano de sua eleição para assumir o governo máximo da Igreja Católica, em sua primeira viagem fora de Roma fez uma visita solidária à Lampedusa, na qual aconteceu o naufrágio de um navio perto da pequena ilha siciliana, onde “morreram 368 imigrantes” e “outros 155 migrantes sobreviveram, entre eles 41 crianças” (MONTENEGRO, 2016).

Nessa tragédia que matou várias pessoas, “mais de 300 imigrantes, em sua maioria etíopes, perderam suas vidas quando o barco em que estavam pegou fogo próximo da costa, levando a embarcação a afundar” (NAÇÕES UNIDAS, BRASIL, 2013, s/p.).

Consciente das mortes e do sofrimento dos migrantes, e das consequências negativas, Francisco, em sua homilia, retrata o cenário catastrófico, expressa compaixão às vítimas, agradece a solidariedade dos voluntários, interpela os poderes do Estado e da sociedade civil e motiva as pessoas com as seguintes palavras:

Emigrantes mortos no mar; barcos que em vez de ser uma rota de esperança, foram uma rota de morte. Assim recitava o título dos jornais. Desde há algumas semanas, quando tive conhecimento desta notícia (que infelizmente se vai repetindo tantas vezes), o caso volta-me continuamente ao pensamento como um espinho no coração que faz doer. E então senti o dever de vir aqui hoje para rezar, para cumprir um gesto de solidariedade, mas também para despertar as nossas consciências a fim de que não se repita o que aconteceu. Que não se repita, por favor. Antes, porém, quero dizer uma palavra de sincera gratidão e encorajamento a vós, habitantes de Lampedusa e Linosa, às associações, aos voluntários

e às forças de segurança, que tendes demonstrado – e continuais a demonstrar – atenção por pessoas em viagem rumo a qualquer coisa de melhor. Sois uma realidade pequena, mas ofereceis um exemplo de solidariedade! (FRANCISCO, 2013, s/p.).

Esse discurso do Papa Francisco ainda repercute na memória daqueles que presenciaram suas atitudes e ouviram suas palavras solidárias na visita às populações da ilha de Lampedusa, como relembra Alessandro Gisotti, com a seguinte rememoração desse fato:

Daquela visita temos na memória algumas imagens que não se apagam: o Papa celebrando a missa em um altar feito de barcos dos migrantes, a grinalda de flores jogadas ao mar de um barco, o abraço com os jovens que sobreviveram a essas viagens chamadas viagens de esperança, mas que infelizmente muitas vezes se transformam em viagens do desespero. O coração da visita era, portanto, claramente a difícil situação dos migrantes. Todavia, naquela ocasião, Francisco fez uma homilia que ampliava o olhar, que ia além daquela ilha e do que ela significava naquele momento (Vatican News, 2022 b, p. 1).

No momento de visita simbólica aos migrantes e refugiados na ilha italiana de Lampedusa, o Papa Francisco solidarizou-se às milhares de pessoas que arriscam suas vidas em alto mar, lançando uma coroa de flores, em memória dos migrantes que morreram tentando sair do norte da África e chegar à ilha, para encontrar melhores condições de vida (ACNUR, 2013).

Após o evento religioso, a missa em memória dos migrantes falecidos, marcada com a presença de milhares de moradores, turistas, migrantes, lideranças religiosas e políticas, o Papa ainda visitou o local onde as pessoas desembarcaram após a perigosa jornada na travessia do mar (ACNUR, 2013).

A presença religiosa e política do Papa Francisco foi interpretada como uma ação marcada por humanismo e caráter simbólico, como observa Laurens Jolles, representante regional do ACNUR: “Estamos tendo a oportunidade de ver sua preocupação com refugiados e migrantes logo no início de seu papado”, “Ficamos contentes de ele ter conversado com pessoas que contaram sobre sua difícil jornada” (ACNUR, 2013, p. 1).

Após o episódio dramático de Lampedusa, o Papa Francisco seguiu o trabalho pastoral na defesa dos migrantes, por meio da reflexão sobre as causas que provocam a migração, da denúncia contra o sistema político e social que não acolhem as pessoas, que de modo espontâneo ou forçado

se deslocam de seus países com a esperança de uma vida digna. . Pois, para o Papa, “o tema imigração é um dos mais caros, que já fez repetidos apelos para que as autoridades mundiais se preocupem e ajudem os deslocados pelo mundo – especialmente, na crise migratória que atinge a Europa” (INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS, 2016).

O Papa Francisco com consciência política e solidariedade para com os problemas da migração, principalmente no continente europeu, em 2016 “fez um apelo para que cada paróquia na Itália acolhesse, ao menos, uma família de imigrantes e, dando o exemplo, acolheu dezenas de sírios no próprio Vaticano” (INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS, 2016, p. 1). De fato, esse gesto concreto do religioso foi uma estratégia significativa, para sensibilizar, além da própria religião, as instituições sociais e políticas de mundo de forma geral.

Três anos depois, em 2019, o Papa Francisco fez sua viagem apostólica para Marrocos, onde dialogou sobre questões políticas, econômicas e religiosas com a população, as autoridades civis e religiosas, com o corpo diplomático e com as pessoas migrantes na sede da Caritas diocesana de Rabat (Vatican News, 2019 b).

Porém, no mesmo dia antes de sua partida para o Marrocos, o Papa promoveu no Vaticano um encontro com um grupo de migrantes marroquinos que estava hospedado na Itália, pela Comunidade de Sant’Egidio. Esse grupo de migrantes era composto por duas famílias, cada uma com suas crianças (Vatican News, 2019 b).

O Papa Francisco, na visita ao Reino de Marrocos, fez um pronunciamento no qual afirmou que a migração forçada é “uma ferida que brada ao céu” (Scalabrinianos, 2022). Por isso, em nome da instituição católica, o Papa diz: “não queremos que a indiferença e o silêncio sejam a nossa resposta” (SCALABRINIANOS, 2022). Podemos dizer que este foi um gesto carregado de simbolismo, espiritualidade e política de compromisso com a dignidade humana. Nesta perspectiva, é inaceitável a realidade de sofrimento dos refugiados e migrantes.

Diante desse apelo comovente, o Papa Francisco propôs quatro verbos que sintetizam várias ações políticas, sociais, econômicas e religiosas em benefício dos migrantes e refugiados, são eles: “Acolher, Proteger, Promover e Integrar (SCALABRINIANOS, 2022).

Esses quatro verbos são inerentes à atuação pastoral e política do Papa Francisco no atendimento aos migrantes em situações de sofrimento em todo o mundo, como aconteceu no ano de 2019 na América Central. Referimo-nos ao violento bloqueio, prisão, expulsões de milhares de pessoas que procuravam entrar nos Estados Unidos da América (EUA) pela fronteira mexicana.

Nesse período de bloqueio das fronteiras entre Estados Unidos e México, Francisco

[...] enviou 500 mil dólares para a subsistência dos migrantes centro-americanos, bloqueados na fronteira com o México, na esperança de entrar nos Estados Unidos. Com a diminuição das ajudas, aumentaram as necessidades das condições mais básicas para sua sobrevivência (Vatican News, 2019a, p. 1).

A ajuda financeira do Papa Francisco foi para socorrer vários migrantes provenientes de Honduras, El Salvador e Guatemala, que chegaram ao México, percorrendo mais de quatro mil quilômetros a pé ou em veículos improvisados, na esperança de uma vida melhor nos Estados Unidos. Esses migrantes são homens e mulheres, com os seus filhos pequenos, que fugiram da miséria, da pobreza e da violência política e econômica de seus países (VOA PORTUGUÊS, 2019).

Três anos depois, em 2022, o Papa Francisco realizou outra ação solidária em benefício dos migrantes. O pontífice destinou uma ajuda de 100 mil euros para as Filipinas e para os migrantes que estavam na fronteira, também bloqueada, entre Polônia e Bielorrússia. Segundo Alessandro De Carolis,

[...] a mesma decisão, por parte do Papa, diz respeito à longa emergência de migrantes na “terra de ninguém”, o trecho de terra que separa a Belarus da Polônia, onde se encontram pessoas sobretudo sem direitos e, portanto, um “paraíso” para todos os tipos de tráfico, a começar pelo tráfico humano. No local estão, há cinco meses, milhares de migrantes tentando entrar na Europa. Para aliviar a situação, Francisco destinou 100 mil euros apoiando assim a Caritas Polonesa em seu trabalho de assistência (Vatican News, 2022a, p. 1).

Os exemplos concretos da atuação social do Papa Francisco na defesa dos migrantes são a materialização das orientações oficiais do Estado do Vaticano sobre a migração nos séculos XX e XXI. Pois, a sensibilidade de Francisco para com as vítimas do tráfico e os migrantes pode ser compreendida como continuidade da manutenção de um dos pilares da ação pastoral da Igreja Católica, o atendimento aos migrantes em condições de vulnerabilidade social.

Considerando que a emergência da temática entre a Igreja Católica e os processos de migração fazem parte de uma trajetória consolidada ao

longo do século XX, apresentamos a seguir o recorte institucional católico da Congregação dos Missionários de São Carlos e seus integrantes denominados “Scalabrinianos”.

A Missão Paz (SP) é um espaço religioso e sociopolítico pertencente à Igreja Católica. Trata-se de uma instituição solidária e comprometida com a causa dos migrantes e tem na sua origem histórica o projeto pastoral e político da Congregação dos Missionários de São Carlos, fundada por João Batista Scalabrini, em 1887 (TERRAGNI, 2020). As ações da Missão Paz avançam em um sentido que poucas vezes o Estado consegue executar, segundo o Entrevistado 3:

Aqui, no Brasil, a gente não tem só a Igreja Católica, mas a gente se destaca. Tem como você vê aqui em São Paulo, que é o maior polo receptor que a gente tem, a Caritas. A gente tem Caritas brasileira, Caritas Arquidiocesana, enfim, sempre ligada à Igreja Católica. Por quê? Porque o governo fala muito, mas não faz muito (Entrevistado 3, 2022).

Numa abordagem sociológica, o trabalho realizado pelas equipes da Missão Paz pode ser compreendido como concretização de uma ação social racional, visando valores éticos e religiosos. Isso atualiza uma tradição de atuação política frente às diferentes sociedades onde os scalabrinianos atuam (WEBER, 2010). Esse perfil histórico-cultural das entidades católicas, como a Missão Paz, pode representar uma característica, um movimento sistêmico de reprodução e manutenção de projetos políticos com roupagem religiosa, constituídos para atender os grupos socialmente desprotegidos, como os migrantes.

A Missão Paz foi gestada pelos scalabrinianos no início da década de 1990, a partir da atuação social conjunta das seguintes entidades: Paróquia Italiana (1940), Nossa Senhora da Paz (1940), Centro de Estudos Migratórios (CEM) (1969), Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes (CPMM), 1977, Casa do Migrante (CdM), 1978, Paróquia Latino Americana e Italiana, em 1995 (CORRÊA, 2015), Comunidade Haitiana (2013) e a Comunidade Filipina (2017) (MISSÃO PAZ, 2022).

Essa instituição religiosa é um espaço de solidariedade. A sua atuação social na acolhida dos migrantes está orientada pela condição humana das pessoas, independente do seu credo religioso como afirma o Entrevistado 1: “E quando se trata de religião, alguns, muitos não são católicos. A maioria são igualmente evangélicos. Haitianos que estão aqui são muitos. Então, eles participam da Assembleia de Deus e de outras igrejas”.

O foco da Missão Paz, centrado na condição humana das pessoas, procura atenuar o sofrimento humano e contribuir para a transformação social e estrutural, que afeta os migrantes, independente de etnia, nacionalidade, raça ou classe social, como afirma o Entrevistado 3: *“O sofrimento humano é igual para todos. Todo mundo é de carne e osso, hormônios, sonhos, medos, desejos. Todo mundo é igual, mas cada um com suas particularidades”*.

Em 1996, os representantes de cada um daqueles segmentos voltados para o atendimento aos migrantes, como a Paróquia Italiana, Nossa Senhora da Paz, Centro de Estudos Migratórios (CEM), Centro Pastoral e de Mediação dos Migrantes (CPMM), Casa do Migrante (CdM) e a Paróquia Latino Americana e Italiana, reuniram-se para debater e propor soluções organizativas, seja para o trabalho profissionalizado de atendimento do público de migrantes, seja para o trabalho voluntário, representado por indivíduos que constituíram a Associação Voluntária pela Integração do Migrante (AVIM) (CORRÊA, 2015). Assim, considerando o racismo estrutural brasileiro e o forte vínculo entre xenofobia e racismo, a construção de ação antirracista, emergiu no trabalho desenvolvido, como veremos no próximo item.

3 UMA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA ANTIRRACISTA

Estudos científicos, como de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2009), Kabengele Munanga (2006) e Lilia Mortitz Schwarcz (2020) confirmam e debatem a existência do racismo na sociedade brasileira, principalmente contra a população negra e migrante, que é submetida a uma série de discriminações raciais, de desigualdades socioeconômicas e até a perda da vida. Esse fenômeno pode interferir no processo de recepção dos imigrantes negros, como haitianos e dos africanos que, possivelmente, sofrem violência cultural, racial, moral, material e física.

O racismo é a afirmação de uma crença na existência de hierarquização das raças dentro da espécie humana, uma vez que, no pensamento de um indivíduo racista, existem raças superiores e raças inferiores. Em nome da hierarquia de raças, inúmeras barbaridades foram perpetradas na história da humanidade, como o genocídio de milhões de índios na América Latina, a eliminação sistemática de milhões de judeus e ciganos nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial (MUNANGA, 2000).

A Missão Paz com seu trabalho social realizado por meio de uma equipe composta por diferentes profissionais, religiosos, cidadãos e cidadãs leigas utilizam a educação antirracista, como uma estratégia para desenvolver novas perspectivas entre os migrantes de várias nacionalidade e a sociedade paulistana. O seu princípio ético orienta a sua percepção das migrações como

um direito humano. Nessa perspectiva, os migrantes têm direito a participação na esfera programática de direitos sociais, objetivando a sua integração social e política aos programas de desenvolvimento, como educação, saúde, cultura, capacitação técnica proporcionados pelas entidades públicas e privadas.

Diante do complexo desafio do racismo na convivência dos migrantes, a Missão Paz, por meio dos religiosos scalabrinianos, discute e trabalha a conscientização sobre as violências raciais, para preveni-las e combatê-la.

Os responsáveis pela instituição realizam um trabalho educativo de combate ao racismo com os colaboradores profissionais que atendem os imigrantes. Essa iniciativa, envolve todo o corpo de colaboradores, independentemente da cor da pele e da função que ocupam na instituição, como relatou o Entrevistado 2:

Com relação ao racismo, os padres da Missão Paz fazem um trabalho que eu vejo. É um trabalho de trazer a equipe junto, seja a faxineira que é negra, seja assistente social, que é negra, seja qualquer um de nós (brancos), em toda e qualquer pauta de reunião. A instituição defende isso o tempo todo em atitudes, em conversas e em reuniões (Entrevistado 2, 2022).

Esse relato demonstra que os responsáveis da Missão Paz têm consciência racial e noção de que “saber que o racismo existe não significa compreendê-lo, do mesmo modo que nomear um fenômeno não significa saber o que ele é, como funciona ou como afeta suas vítimas” (SOUZA, 2021, p. 15). Por isso, a mesma instituição busca compreender suas causa e efeitos na vida dos migrantes, principalmente os negros.

A partir da pesquisa de campo, foi possível inferir que a Missão Paz, com sua atuação sociopolítica na acolhida dos migrantes, reconhece e respeita sua identidade cultural, política e religiosa, sem fazer acepção de pessoas e sem proselitismo religioso. Trata-se de uma prática que impacta na relação entre a sociedade civil e a entidade religiosa.

De fato, a Missão Paz tem consciência de que, no Brasil, os migrantes negros, como africanos e haitianos, são submetidos frequentemente a situações de racismo, materializado socialmente na humilhação da pessoa e na violação de seus direitos básicos. Mesmo que sejam acolhidas por uma instituição solidária como a referida entidade religiosa, essas pessoas migrantes negras podem ser alvo de expressões racistas emanadas por pessoas que não integram o corpo de funcionários ou voluntários da instituição. O racismo pode ser manifestado, inclusive, por pessoas que fazem alguma doação para migrantes acolhidos pela Missão Paz. É o que relata o Entrevistado 3:

Um dia, uma pessoa (benfeitora) me disse: Eu trouxe o leite em pó e fralda. Eu trouxe para os filhos dos sírios. Ela viu uma família negra perto dos sírios. Daí ela me perguntou se eu ia dar o leite para as crianças negras. Eu falei, então aqui as fraldas que a gente recebe, a gente recebe sem “alarme”. A gente vai entregar a doação para as pessoas que precisam (Entrevistado 3, 2022).

É possível constatar no relato que é pela geografia do corpo negro que os migrantes haitianos sofrem exclusão social, praticada por grupos sociais racistas, inclusive por pessoas “benfeitoras” desinformadas, que os identificam pela cor da pele, como meio de inferiorizar e invisibilizar as necessidades de uma existência preta e migrante.

De fato, a cor da pele no Brasil é utilizada como justificava racial de exclusão dos negros. Pois, no Brasil, quando alguém sofre discriminação por ser negro, o que se identifica é o preconceito racial, “porque a categoria “cor” é informada pela ideia de “raça” que, [...] continua a orientar a ação dos agentes sociais. [...] O preconceito de raça se atualizou, no caso “cor” (GUIMARÃES, 2012, p. 54). Isso acontece por causa do racismo, elemento estrutural que atravessa as relações sociais e institucionais, fazendo parte da gênese identitária do (SILVA, 2022).

É evidente que, no Brasil, “para os negros, a branquitude abre apenas algumas portas: da cadeia, do camburão, do cemitério” (THEODORO, 2022, p. 73). Por isso, o racismo nesse mesmo país é um fenômeno ideológico que orienta as relações, principalmente no tratamento que alguns brasileiros utilizam para se referirem aos migrantes haitianos.

Isso mostra que o racismo é um fenômeno visível nas relações sociais, que tem o poder apropriado por pessoas e grupos que, politicamente, exercem domínio sobre a organização cultural e econômica da sociedade. Por isso o racismo é um fenômeno complexo decorrente da estrutura social, concebido como o funcionamento ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social nem um desarranjo institucional (ALMEIDA, 2018). Nessa perspectiva, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (Munanga, 2000, p. 24).

Isso revela que o racismo é o “ataque feroz das forças coloniais” (KRENAK, 2020, p. 41). Pois, o velho ordenamento racial, estabelecido historicamente não desapareceu com a abolição da escravidão da população negra, tampouco com o final do regime legal de castas. Este último parece se prolongar no presente das relações humanas, com ramificação nas estruturas

sociais, políticas e econômicas, como resquícios do colonialismo. Trata-se de “uma ferida que nunca foi tratada. Porque a violência da escravidão foi substituída pela violência do racismo em uma sociedade industrializada” (DU BOIS, 2021, p. 12).

Contudo, a Missão Paz procura estabelecer parcerias com outras instituições, movimentos populares e grupos de migrantes, para manter, reforçar e ampliar o debate, bem como gestos concretos de prevenção e combate ao racismo, à xenofobia em vista de uma Casa comum.

3.1 Racismo estrutural: o racismo entre os migrantes

A presença do racismo pode ser percebida na estrutura da sociedade brasileira como um todo, que faz os próprios alvos de violência étnico-racial também racializarem outros considerados por eles como inferiores. Isso foi constatado em relatos de colaboradores profissionais da Missão Paz, ao mencionarem a discriminação racial entre alguns imigrantes acolhidos pela entidade religiosa:

A discriminação racial é muito presente aqui na casa, tanto por parte dos moradores como da parte da sociedade civil em geral. Então a gente percebe o racismo aqui. Não só na absorção do mercado de trabalho, como as relações internas aqui da Casa do Migrante, na vivência deles (imigrantes) de sentarem numa mesa que tenha um negro. E daí tem algumas falas que sugerem muito isso o tempo todo. São os negritos, os de cor ou então atos e gestos, fazendo esse sentido de colocar a pessoa nessa condição de menos valor, de que de ser um “menor”. A gente começa a perceber facilmente dentro da Casa do Migrante, atitudes de algumas pessoas de não querer usar o refeitório, os mesmos espaços, de não sentar próximo deles (negros) na área comum da casa, de trocar de quarto por conta própria, porque tem muito haitiano naquele quarto (Entrevistado 2, 2022).

A narrativa da entrevista deixa evidente que, os migrantes brancos tendem a definir, politicamente, na convivência da casa, os espaços sociais de cada pessoa a partir das características fenotípicas, como a cor da pele, porque “o corpo negro não se separa do sujeito” (GOMES, N., 2017, p. 94). De fato, esse fenômeno somático chamado cor é um dos marcadores estruturais presentes em várias culturas e sociedades, principalmente na vida social brasileira. Pois, no Brasil, o fator que identifica, ou redefine o espaço social é a cor da pele, como marca racial, como explicam Florestan Fernandes e Roger Bastide:

A cor foi, portanto, selecionada como a marca racial que ‘serve’ para identificar socialmente os negros [...]. Ela passou a ser um símbolo de posição social, um ponto de referência imediatamente visível e inelutável, através do qual se ‘pode’ presumir a situação de indivíduos isolados, como *socius* e como pessoa, tanto quanto definir o destino de uma raça (BASTIDE; FERNANDES, 1955, p. 70).

Os migrantes brancos, por meio da discriminação racial praticada nas relações com outros migrantes, apresentam resistência para conviver socialmente com os negros. Porém, na pesquisa de campo que realizamos na Missão Paz com colaboradores técnicos que atendem na referida instituição católica, foram evidenciados por essas pessoas relatos de práticas racistas que acontecem, também, nas relações entre os migrantes negros, africanos e haitianos, como relata o Entrevistado 3:

Os africanos e os haitianos são bem diferentes. O africano chega aqui e ele fala nitidamente: eu sou o berço do mundo, eu tenho linhagem. Eu sou superior, não a nós, brasileiros, mas, por exemplo, aos caribenhos. Então, se você colocar um haitiano, o africano, ali na sala de espera, o haitiano chegou primeiro. Mas o africano já circula ali naturalmente, tentando passar na frente. E eu não deixo, porque se você os deixar sozinhos, naturalmente os caribenhos se encolhem e os africanos se impõem (Entrevistado 3, 2022).

A postura social de superioridade dos africanos em relação aos haitianos é resultado de uma ideia de uma crença cultural que gera, nas relações dos próprios migrantes negros, estratificação social e hierarquização de um grupo e opressão de outro, como é analisado na percepção profissional do colaborador técnico:

O africano diz que o haitiano tem que saber o lugar dele no mundo, e o lugar dele no mundo é subalterno, pensa o africano. Os africanos dizem: “Gente dos nossos ancestrais eram reis: Eles eram os verdadeiros donos da terra”. Então, eles acreditam que têm uma linhagem nobre e são o berço do mundo (Entrevistado 3, 2022).

De acordo o entrevistado, acima, na relação de hierarquização dos africanos sobre os haitianos, percebe-se, analiticamente, que há uma tentativa de impor um privilégio orientado por uma crença ideológica de ‘estratificação

social', ou seja, distribuição diferenciada de privilégios (HASENBALG, 2005), proporcionada, implicitamente, pela cultura milenar considerada "berço da humanidade".

Essa prática racista de alguns migrantes africanos contra os migrantes haitianos pode ser interpretada como uma das consequências do racismo cultural estrutural. Esse fenômeno se ampara teoricamente no diferencialismo que se expressa no caráter simbólico, materializado numa transmutação ideológica valorativa, da mudança da inferioridade biológica à diferença cultural na legitimação de um discurso, ou uma narrativa de discriminação racial que nega ou extermina a língua, valores morais, religião, tradições e costumes de uma determinada população (WIEVIORKA, 2007).

A narrativa da entrevista sobre as relações entre migrantes africanos e haitianos evidencia que, "o racismo constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos baseada na crença da superioridade e inferioridade" (GOMES, 2017, p. 98). Dentro de uma proposta institucional antirracista, devem ser consideradas as estratégias pedagógicas de combate ao racismo. Esta discussão será abordada no próximo item, especificamente da realidade da Missão Paz.

3.2 Estratégias pedagógicas no trabalho antirracista

As reuniões realizadas na Missão Paz funcionam como um espaço democrático, no qual todos podem se expressar através da fala, como um recurso que possibilita o reconhecimento político de cada indivíduo, que é considerado parte constitutiva dessa instituição.

Nas nossas reuniões, você permite que as pessoas falem. Às vezes por setor ou por situação. Às vezes, um diálogo ou um bate papo em que se é permitido, sim, que todos possam falar favorece muito a não discriminação. Você dá voz para quem? Para quem possa ter necessidade de falar (Entrevistado 2, 2022).

Os profissionais também utilizam as reuniões como estratégias pedagógicas para mediar o conflito racial existente nas relações dos migrantes, como é mencionado nesta fala: *"Eu tento mediar esses conflitos, trazendo dinâmicas, trazendo falas, principalmente nos momentos em que a gente faz uma reunião com eles"* (Entrevistado 2, 2022).

Essas reuniões são dinâmicas e inclusivas, porque possuem um caráter multicultural, proporcionando o envolvimento e a colaboração de uma diversidade étnica, que dialoga a partir da cooperação mútua provocada pelas estratégias dos profissionais da Missão Paz:

Nós temos reuniões rápidas e pontuais, que geralmente se faz um pouco antes ou minutos antes de abrir o refeitório, porque é o horário em que a maioria das pessoas estão dentro da casa. Enquanto eu vou fazer alguma fala, eu trago o africano, eu trago o afegão para cada um venezuelano, um marroquino que fala outro idioma e faça com que essas pessoas traduzam a minha fala e eu dou voz para que todos possam falar (Entrevistado 2, 2022).

Os profissionais da Missão Paz utilizam momentos cotidianos, de forma pedagógica, para a inclusão social e para trabalhar a questão racial. É um dos métodos que encontraram para trabalhar o combate ao racismo, porque esse espaço material é o lugar geográfico comum frequentado por todos os migrantes, explica o Entrevistado 2:

Existe um processo pedagógico que é fazer com que cada um colabore e motive todos na casa. Então eu vou te dar o exemplo do refeitório, que é o mais presente. Então, exemplo, na hora do almoço a gente pede que dois afegãos, um venezuelano, um haitiano, um africano façam a limpeza: um limpa a mesa, um limpa o chão, um lava louça, outro seca. Isso faz com que as pessoas tenham essa vivência e quebra um pouco essa ideia de que eles são diferentes ou que estão numa posição diferenciada. Então eu sempre faço essa fala com eles nesse sentido, no sentido de justiça, igualdade social (Entrevistado 2, 2022).

É perceptível nesse processo pedagógico da Missão Paz, materializado nas reuniões e na convivência no refeitório, a presença de uma inclusão social entre diversidade de pessoas por causa desse visível processo que gera interação social entre os migrantes, com a finalidade de combater o racismo entre esses mesmos indivíduos, gerando sua socialização no espaço interno da instituição. Os efeitos desse tipo de ação educativa, provocados pelos diferentes profissionais, influenciam “a maneira de pensar e agir dos sujeitos envolvidos na referida ação, interferindo na formação de subjetividades e normas de conduta” (ABREU; CARDOSO, 2009, p. 3).

Os profissionais da Missão Paz compreenderam que a participação dos migrantes nas reuniões e no refeitório é resultado de “determinados impulsos” (SIMMEL, 2006, p. 59), como a necessidade de diálogo e de convivência, a partir da alimentação, algo comum a todos os indivíduos: “matar a fome”.

As interações, além de proporcionarem a unidade desses grupos etnicamente diversificados, são os instrumentos pedagógicos escolhidos pela Missão Paz como recursos válidos para combater o racismo entre os migrantes.

A análise da atuação social da Missão Paz possibilita a percepção de que as condutas dos atores sociais são comumente moldadas por fatores reconhecidos pelos próprios agentes, levando-os a reconhecerem “suas reservas de conhecimento social” (GIDDENS, 2000), que mobilizam sua conduta. Por isso, há um “conhecimento tácito que é habitualmente utilizado no desempenho de sequências de conduta” (GIDDENS, 2000, p. 17).

Essa é a consciência prática, que resulta das estruturas sociais e que faz a entidade religiosa ser um agente capaz de atuar em diferentes situações junto aos migrantes, principalmente aos negros, africanos e haitianos, para defender e salvaguardar os direitos desses indivíduos. De modo geral, as práticas sociais da Missão Paz são situadas e isso faz com que o agenciamento dos atores sociais se manifeste como intervenção criativa e transformadora no decorrer do processo de acontecimentos no tempo e espaço, historicamente localizados (GIDDENS, 2000).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade brasileira existe o trabalho da Missão Paz no combate ao racismo por meio de recursos e métodos educativos. Por isso, demonstrou-se nesta pesquisa que a Missão Paz, instituição religiosa católica pode ser investigada por diferentes áreas do saber e suas epistemologias, porque a atuação dos religiosos (padres), dos profissionais (advogados, assistentes sociais, educadores licenciados e psicólogos) e dos voluntários, expressa e atua com características pedagógicas nas relações políticas e sociais, implementando, por meio do diálogo, reuniões, refeição e interação entre os migrantes. Isto constitui e consolida um processo de educação que visa promover a tomada de consciência dos direitos e combater o racismo, seja entre os sujeitos atendidos, seja na sua relação com a sociedade brasileira.

Mostrou-se nesta pesquisa que a Missão Paz realiza trabalho educativo em benefício dos migrantes, inspirado pelo trabalho de religiosos (padres), colaboradores profissionais e voluntários que subvertem o sistema racista e criam metodologias inclusivas, sob uma perspectiva antirracista, multicultural e em harmonia com os direitos básicos do migrante, principalmente dos haitianos. O objetivo é a busca de melhores soluções de inserção dos migrantes na sociedade, de modo que grupos étnico-raciais não sofram racismo, preconceitos, violência física, moral, cultural, política e religiosa.

Portanto, a atuação social da Missão Paz no processo de acolhimento e de inserção dos migrantes, no Brasil, de modo particular, em São Paulo, como mecanismo de combate ao racismo, pode ser interpretada pela análise sociológica, como produtor e articulador de saberes construídos por um coletivo não hegemônico e contra-hegemônico, materializado nas relações sociais. Essa pesquisa pretendeu, assim, trazer para o campo da sociologia o debate sobre as contribuições sociais da Missão Paz no acolhimento aos migrantes haitianos, como meio de combate ao racismo sofrido por eles, buscando considerar as lutas antirracistas sob prismas ainda pouco estudados nas histórias oficializadas.

NOTAS

¹ O texto a seguir foi reelaborado em coautoria a partir da tese de José Cristiano Bento dos Santos intitulada “Migração negra no Brasil e racismo: estudo sobre a Missão Paz na acolhida aos migrantes em São Paulo (2010 – 2023)”, no âmbito do PPG - Doutorado em Sociologia – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2025) e dos debates ocorridos no X Simpósio Internacional sobre Migração e Religião: Balanço e Perspectivas sobre as Migrações no Sul e Norte Global PUC-SP (de 26 a 28 de maio de 2025), onde realizamos uma comunicação oral.

² “A carta encíclica é um documento pontifício, uma comunicação escrita pelo líder máximo da Igreja Católica (Papa), cujo objetivo é orientar lideranças religiosas e fiéis sobre assuntos que envolvem o bem-estar da sociedade” (PUC-Campinas, 2020).

³ “Comumente, nas Exortações, são transmitidos ensinamentos do pontífice a respeito de assuntos específicos com o objetivo de animar os fiéis a vivê-lo plenamente” (CNBB Regional Oeste 2, 2020).

⁴ A Missão Paz é uma instituição filantrópica que busca “acolher os migrantes, imigrantes, solicitantes de refúgio, refugiados e apátridas, respeitando suas histórias, visando possibilitar integração e protagonismo em novos contextos sociais; promover políticas públicas e o acesso a direitos por meio do diálogo com diferentes esferas nacionais e internacionais” (MISSÃO PAZ, 2022).

⁵ Segundo Kabengele, o racismo é definido, explicitamente, como uma ideologia que sustenta ideologicamente a superioridade de um grupo racial sobre o outro (Munanga, 2006). Para o mesmo autor, o termo racismo está ligado à categoria de raça. Para ele, “raça” é um conceito político e ideologicamente significativo, com funcionalidade categoricamente etno-semântico, construído a partir de uma política econômico-social de acordo com a estrutura de poder, em cada sociedade multirracial, que exerce a dominação e a exclusão nas relações multirraciais contemporâneas observáveis (MUNANGA, 2006).

⁶ É toda educação que envolve ideias, atitudes, comportamentos e posturas de combate ao preconceito, discriminação e práticas racistas, principalmente contra a população negra (GOMES, 2017).

⁷ Nota-se que esses voluntários não possuem formação antirracista. Eles apenas fazem contribuições de bens e dinheiro, para a Missão Paz desenvolver projetos uma série de serviços em prol dos migrantes, solicitantes de refúgio e refugiados (MISSÃO PAZ, 2022).

⁸ Blue (2014).

⁹ Segundo Kabengele Munanga, o multiculturalismo é “definido como encontro de culturas, ou seja, a existência de conjuntos culturais fortemente constituídos, cuja identidade, especificidade e lógica interna devem ser reconhecidas, mas que não são inteiramente estrangeiras umas às outras, embora diferentes entre elas” (MUNANGA, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR - NAÇÕES UNIDAS. ESCRITÓRIO DO ALTO COMISSARIADO DOS DIREITOS HUMANOS. **Papa Francisco visita migrantes e refugiados na ilha italiana de Lampedusa**. São Paulo, 8 jul. 2013. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/noticias/comunicados-imprensa/papa-francisco-visita-migrantes-e-refugiados-na-ilha-italiana-de>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. **Haitianos no Brasil e a sua relação com a comunicação, o consumo e o trabalho**. São Paulo: Paulus, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955.

BLUE, Lilly. **Refugiados**: haitianos Missão Paz. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (18m 36s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xx7QlV2WnPU&ab_channel=LillyBlue. Acesso em: 8 set. 2021.

CORRÊA, Flávio Alcinei. **História e atuação da Missão Paz em São Paulo**: a religião como meio de assistência para a inserção do migrante na sociedade. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021.

ENTREVISTADO1. **Entrevista III**. [nov. 2022]. Entrevistador: XXX. São Paulo, 2022. 3 arquivo.mp3 (60 min).

ENTREVISTADO2. **Entrevista X**. [nov. 2022]. Entrevistador: XXX. São Paulo, 2022. 10 arquivo.mp3 (60 min).

ENTREVISTADO3. **Entrevista VI**. [nov. 2022]. Entrevistador: XXX. São Paulo, 2022. 6 arquivo.mp3 (60 min).

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social). Vaticano, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 25 mar. 2024.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si'**: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 20 mar. 2024.

GIDDENS, Anthony. **Dualidade da estrutura**: agência e estrutura. Oeiras: Celta, 2000.

GOMES, Marcela Andrade. Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). **Psicologia & Sociedade**, [S. l.], v. 29, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/GrDRSxxGZLLqDthNFY9Wpqt/?lang=pt>, acesso no dia 05/06/2024.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2009.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG/IUPERJ, 2005.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS. **Papa afirma que ajudar imigrantes é como 'acolher Deus'**. Brasília, 19 dez. 2016. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/papa-afirma-que-ajudar-imigrantes-e-como-acolher-deus/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MISSÃO PAZ. **Doar – Missão Paz São Paulo**. 2022. Disponível em <https://missaonspaz.org/doar/>, acesso no dia 10/08/2025.

MISSÃO PAZ. **Mais de 80 anos ao lado dos migrantes e refugiados**. 2022. Disponível em <https://missaonspaz.org/>, acesso no dia 27/05/2024.

MISSÃO PAZ. **Paróquias**. 2022. Disponível em <https://missaonspaz.org/paroquias/>, acesso no dia 27/06/2025.

MONTENEGRO, Carolina. 'Estamos cansados de contar corpos': o drama dos migrantes três anos após naufrágio de Lampedusa. **G1**, São Paulo, 3 out. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/10/estamos-cansados-de-contar-corpos-o-drama-dos-migrantes-tres-anos-apos-naufragio-de-lampedusa.html>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 46-57, dez./fev. 2006. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13482>, acesso no dia 16/02/2020.

_____. **Todos no mesmo barco!** 2016. Disponível em <https://diversitas.fflch.usp.br/todos-no-mesmo-barco-kabengele-munanga>, acesso no dia 10/08/2025.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto P (org.). **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EdUFF, 2000.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Após nova tragédia em Lampedusa, ONU pede ação para proteger direitos dos migrantes**. Brasília, 12 out. 2013. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/63982-ap%C3%B3s-nova-trag%C3%A9dia-em-lampedusa-onu-pede-a%C3%A7%C3%A3o-para-protetger-direitos-dos-migrantes>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SCALABRINIANOS. **3 lições do Papa Francisco sobre os refugiados**. Roma: Scalabriniani, 2022. Disponível em: <https://scalabrinianos.com/blog/3-lico-es-do-papa-francisco-sobre-os-refugiados/>. Acesso em: 26 mar. 2024.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SILVA, Antônio Aparecido (Pe. Toninho). **Elementos e pressuposto da reflexão teológica a partir das comunidades negras**. São Paulo: ATABAQUE–ASETT, 1997.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

TERRAGNI, Giovanni. **Referências metodológicas**. Scalabrini International Migration Institute: Roma, 2020.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

VATICAN NEWS. **A ajuda do Papa às Filipinas e aos migrantes na fronteira com a Belarus.** Vaticano, 2022a. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-01/papa-francisco-ajuda-filipinas-belarus-migrantes.html>. Acesso em: 27 mar. 2024.

VATICAN NEWS. **A profecia de Lampedusa.** Vaticano, 2022b. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2022-07/papa-francisco-9-anos-viagem-lampedusa-profecia.html>. Acesso em: 30 mar. 2024.

VOA PORTUGUÊS. **Papa Francisco doa meio milhão de dólares para migrantes bloqueados no México.** [S. l.], 27 abr. 2019. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/papa-francisco-doa-meio-milh%C3%A3o-de-d%C3%B3lares-para-migrantes-bloqueados-no-m%C3%A9xico-/4894024.html>. Acesso em: 30 mar. 2024.

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília: UnB, 2010. v. 2.

WIEVIORKA, Michel. **O Racismo, uma introdução.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

RESUMO

Esta pesquisa trouxe para o campo da Sociologia o debate sobre as contribuições sociais da Missão Paz no acolhimento aos migrantes haitianos, como meio de combate ao racismo sofrido por eles, buscando considerar as lutas antirracistas sob prismas ainda pouco estudados nas histórias oficializadas. Procuramos aprofundar estudos sobre a atuação social da Missão Paz e o seu trabalho educativo no combate ao racismo, de modo particular, nas atividades internas da entidade religiosa. A Arquidiocese de São Paulo faz trabalhos sociais junto aos migrantes, principalmente daqueles que são recebidos pela Missão Paz em São Paulo, instituição religiosa fundada em 1940. Para compreender a questão do acolhimento e o combate ao racismo, utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e documental em fontes oficiais católicas, entrevistas semiestruturadas com integrantes da Missão Paz (religiosos, profissionais, voluntários e haitianos) e a observação de campo no período de novembro de 2022 e julho de 2023. Foi possível identificar que, além do trabalho da pastoral de acolhimento e inserção dos migrantes na sociedade paulistana, os profissionais da Missão Paz implementaram um processo de educação que visa promover a tomada de consciência dos direitos e do combater o racismo entre os sujeitos atendidos ou na sua relação com a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Igreja Católica; Migração; Racismo; Haitianos; Missão Paz.

ABSTRACT:

This research brought to the field of sociology the debate on the social contributions of the Peace Mission in welcoming Haitian migrants as a means of combating the racism they endured, seeking to consider anti-racist struggles from perspectives still little studied in official histories. Thus, it deepened studies on the social work of the Peace Mission and its educational work in combating racism, particularly in the internal activities of the religious entity. The Archdiocese of São Paulo carries out social work with migrants, especially those welcomed by the Peace Mission in São Paulo, a religious institution founded in 1940. To understand the issue of reception and the fight against racism, we used bibliographic and documentary research in official Catholic sources, semi-structured interviews with members of the Peace Mission (religious, professionals, volunteers, and Haitians), and field observation between November 2022 and July 2023. As a result, it was possible to identify that, in addition to the pastoral work of welcoming and integrating migrants into São Paulo society, the professionals of the religious organization implemented an educational process that aims to promote awareness of rights and combat racism, whether among the individuals served or in their relationship with Brazilian society.

Keywords: Catholic Church; Migration; Racism; Haitians; Peace Mission.